

1912

—
Março 23



N.º 9

—
Volume 1.º

A MASCARA

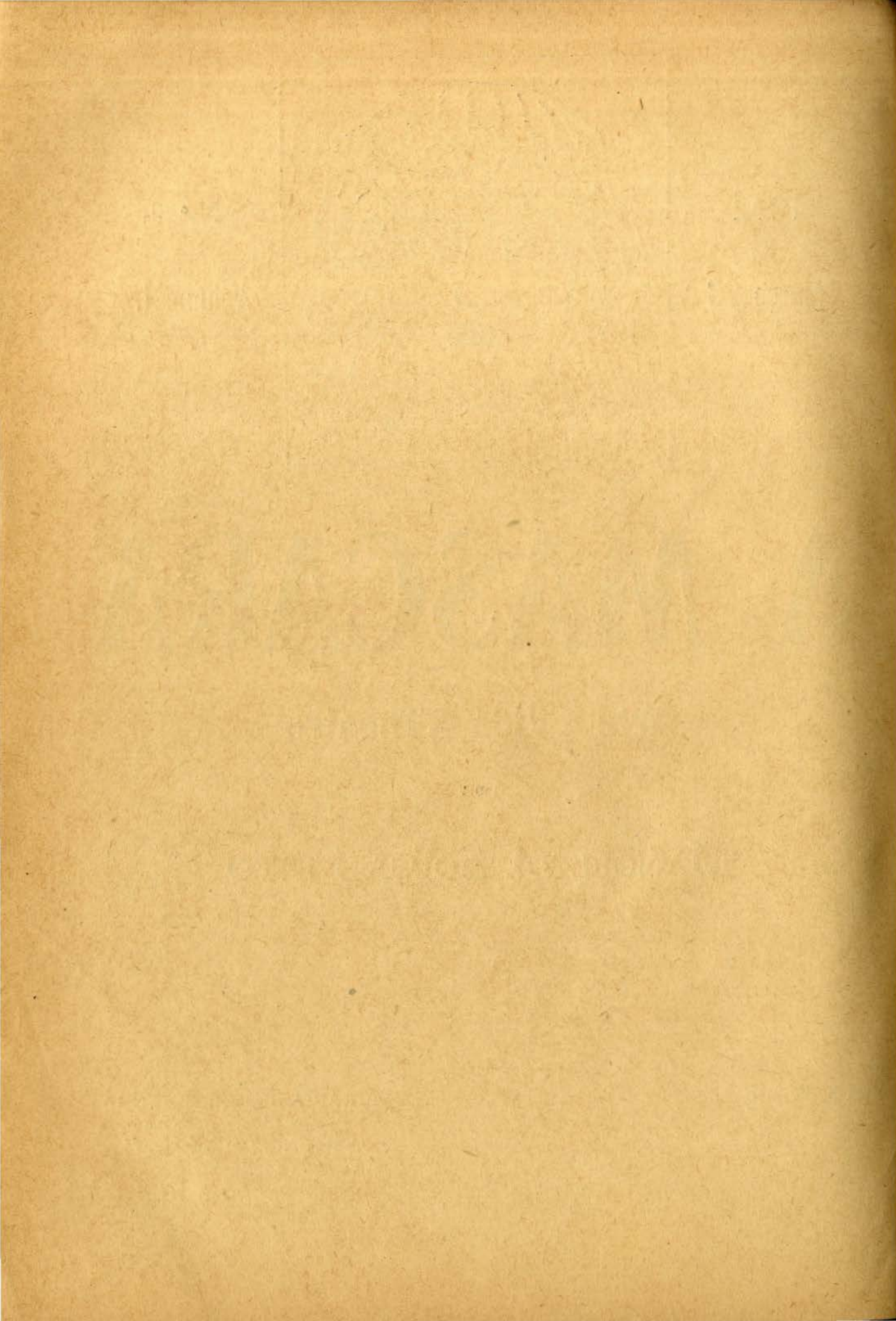
Arte — Vida — Theatro

POR

MANOEL DE SOUSA PINTO

50 Réis

LIVRARIA FERIN, EDITORA
Baptista, Torres & Ct.ª
70, Rua Nova do Almada, 74
LISBOA





A MASCARA

Arte — Vida — Theatro

Lisboa 23 de Março de 1912

XXIX — As Benjaminas

ESTÃO tendo actualmente grande extracção em Portugal os termos renascença e renascimento. Volta e meia, a proposito das mais imprevistas e irrenasciveis coisas, vêm taes vocabulos pomposa e lampeiramente para a rua, em festiva atoarda, como luminarias ou como foguetes.

Quemquer se decide agora a emprehender ou a continuar o que quer que seja, ainda que do mais constante e perpetuamente emprehendido, já não falla em se consagrar, muito singelamente, ao seu trabalho. Declara logo, convicto, peremptorio, solemne, visar a fazer renascer isto ou aquillo.

Entraram, não ha que ver, na ordem do dia os renascimentos e os renascedores.



Resolve o bemquisto salchicheiro Fulano abrir uma nova loja de gorduras na rua de tal, numero tantos. Mais uma salchicharia — cuida-se, ao ler o annuncio. Qual historia! No seu novissimo estabelecimento, recentemente inaugurado, propõe-se o honrado industrial promover a renascença do chouriço, da linguiça, ou da morcella entre nós.

Outro Fulano, não menos bemquisto, nem honrado, ainda

que menos substancial, engendra uma peça para o theatro. Mais um drama ou uma comedia — pensa-se, ao ver a noticia. Nada d'isso! Fulano, como auctor dramatico, pretende, com a sua nova producção mirabolante, resurgir o theatro nacional do seu lethargo de seculos.

São renascimentos a cada canto, a todas as horas; renascenças a dar com um pau.

Ainda ha dias, soube de um provinciano, chamado Nascimento, que teve a peregrina ideia de accrescentar a esse apelido o prefixo re, ficando a ser, para todos os effeitos, o Sr. Renascimento da Silva, e não ha muito, ouvi uma senhora de oculos, contaminada decerto pelo contagio. dizer em conversa a um cavalheiro edoso:

— Devo prevenir a Vosselencia que eu e meu marido tivemos em vista, com este novo filho que démos á luz, fomentar o renascimento da creança em Portugal.

— Não está má fomentação, não senhora! — julgo terá commentado com os seus botões o sujeito de idade, ao lembrar-se dos tempos em que as mulheres se limitavam a procrear sem segunda intenção.



O facto é, porem, inquestionavel. Fervilham as renascenças por todos os lados, de minuto a minuto: a renascença da bolacha Maria como a renascença dos papelotes; a renascença da couve e a renascença dos cogumelos; a renascença das alcachofras, dos pimentos, das alfaces, dos coentros, dos malvaiscos — coisas todas já nascidas ha muito tempo, nunca eclipsadas, permanentes — mas que, por isso mesmo, admiravelmente se prestam para fingir que se renascem, dado que, de tão pullulantes e innumeros renascimentos, de tão apregoadas e espalhadas renascenças, ainda absolutamente nada de novo surgiu, que não fosse a sabidissima bolacha Maria, os conhe-

cidos papelotes, as eternas couves, os immutaveis cogumelos, as alcachofras, os pimentos, os coentros, e os malvaiscos de sempre.

Como manias caracterisadas, as renascenças e os renascimentos em voga não passam, muito feliz ou infelizmente, das cabeças onde germinam. Só crystalisam em vão palavreado e nada produzem, sendo, no geral, vistas de fora, lamentaveis degenerescências, enfermidades lastimaveis; um delirio, como ha muitos, transformando em enganosas miragens de vida e renovo o que é, apenas, um vegetar mesquinho, quando não, simplesmente, decomposição ou apodrecimento.



Apezar de tudo, neste periodo incerto, dessangrado, acephalo, em que quasi toda a gente anda um pouco como a personagem do conto, a ver em que param as modas, uma renascença se está realisando, da qual, por tão quotidiana-mente a ella assistirmos, mal damos a inteira fé que merece; um authentico, bizarro, renascimento gracioso, ledto, esperançoso, que, tendo por materia prima a força mais renascente da terra, a mocidade, tem como guia, talvez inconsciente, mas segura, a belleza.

Não adivinha o leitor qual possa ser?

Pois supponha que, por um qualquer motivo, exilado de Portugal ha uns poucos d'annos, regressava agora á patria, e que, muito naturalmente, se deitava por ahi a passear de um lado ao outro da capital, nessa errante volta reconhecedora e deleitosa dos que tornam, apoz larga ausencia, para a beira de uma cidade ou de uma mulher, deliciando-se nos primeiros tempos em de novo lhe medirem d'alto a baixo o corpo com o olhar.

Não encontraria novidades de maior, nem nos prédios, invariavelmente detestaveis, nem nas estatuas, sempre as

mesmas, nem nas ruas, miseravelmente immundas e esburacadas, nem nas lojas, todas parecidas, nem nos jardins, pouco augmentados, nem nos cafés, onde os freguezes não variam, nem nos homens, que sempre lhe mostrariam as mesmas caras.

Imperceptivelmente, no entanto, o recémchegado, que se demorasse em observação pelas ruas centraes, iria, pouco a pouco, sendo bafejado insinuantemente, agradavelmente surprehendido, pelo halito acariciador de uma primavera cariciosa, jocunda, risonha, balsamica.

Deslisariam as transeuntes. Deslisariam, e olha-lo-hiam francamente — o que jámais acontecia aqui ha um par d'annos, quando as mulheres lisboetas, que a estas horas envelhecem, se vexariam de cruzar seus olhos com os de algum homem, que não fosse seu pae, seu irmão, seu noivo juramentado, ou seu legitimo esposo á face da igreja.

Com o succeder das passeantes, o observador cada vez mais se sentiria invadir pela primaveril sensação deliciosa, a que alludi. Contemplando, induzindo, racionando, iria lenta e gostosamente decifrando o segredo do seu emocionamento, logrando apprehender devagarinho o que de tão encantadoramente novo e prendente se immiscuira na alma da cidade feminina — que continuava, petulante e varia, a rolar-lhe ante a vista.

Renovar-se-hiam ou repetir-se-hiam, umas apoz outras, as mulheres — mulheres de todas as edades e para todos os gostos: matronas rubicundas, armadas espaventosamente em meninas casadoiras; damas matrimoniadas, semeando, appetitosas, invejas aos maridos; senhoras equivocadas, eclecticas, que já viveram com um e agora vivem com outro, antes de passarem a um terceiro ou a um trigesimo; burguezinhas aperaltadas, com algum peralvinho ou algum cadete á trela; noivas de hontem, ainda rescendentes de um vago perfume de laranja; viuvas do mez passado, encrepadas de seducção negra, sobre a qual appeteece depor corôas de lilazes; divorciadas satisfeitas ou divorciandas compromettidas, que são, de chapeo grande e saia estreita, como pontos de interrogação, cuja res-

posta já se murmura ou ainda se não adivinha; estrangeiras arrebatantes, rodeadas do incitante mysterio das alheias paisagens; hetairas de modesto luxo, pavoneando com absoluta estupidez a generosidade relativa de algum relativo argentario; actrizes improvisadas e alphabetas; cortezãsitas esmoleres; andaluzas, vendedeiras de fructa em Sevilha e arejadoras de capitaes africanos em Portugal, tresandando a trevo encarnado e a contactos mulatos; e todas as outras que não destrinço.

De nenhuma d'essas, comtudo, vinha o olor primaveral que o recémchegado hauria infavelmente no renovado ar lisboeta. A lisboeta maior de vinte annos tem, nestes ultimos annos, com esforço e proveito, aprendido a vestir-se, a tocar-se, a calçar-se, a arranjar-se melhor que as antigas alfacinhas descabelladas, desmazeladas e cambaias, mas, porque começou tarde, não é, salva uma centena escolhida e abençoavel, nenhum prodigio de elegancia nem de formosura, devido principalmente a não saber guindar o seu reforçado e instinctivo mulherismo a esse grao supremo e requintado do feminino, que é a chamada feminilidade.

São muito mulheres as portuguezas dos vinte e dois aos quarenta annos, mas são, no geral, pouquissimo femininas, entendendo por feminidade um travo especial, esse pique inconfundivel e estimulante, que faz do vinho branco um Champagne.

Com menos de vinte annos, sim. Dos doze para os dezoito, as alfacinhas d'agora estão tendo que ver e que adorar. Nunca em Lisboa, na Lisboa dos figurinos baratos e dos vestidos voltados, houve uma tão surprehendente, jovial e engraçada revoada de meninas — attribuindo á linda e conspurcada palavra a accepção galante, que ella tem ao baptisar o celebre quadro de Velasquez, onde as infantas brincam cheias de graça.

A primavera, cujo effluvio insistente conquista quem por essas ruas vagueia, vem d'ellas, das *pequenas*, que, com o seu novo feitio, os seus novos trajés, as suas novas maneiras, são, em verdade, a mais genuina, gracil, e mimosa primavera

em que ha muito, desbancadamente, se desentranha este doce jardim de D. Silvana.

A antiga creança lisboeta, quando chegada á puberdade, entrava, por um estúpido preconceito da educação, a ser uma creaturinha deploravelmente ensaccada numas roupas larguissimas, molles, cahidas, que, em vez de disfarçarem, lhe deformavam as formas discretas, melindrosas, do corpo em effeminação; com os cabellos arrepanhados, de deante para traz, numa trança de duas pontas, atada com um laço de fita ás tres pancadas; uma saia curta, que escandalosamente lhes descobria as pernas até ao joelho; e um chapeo desabado, com um elastico preto passado no queixo, por causa do vento.

Era assim, transformando-as durante a idade inganhavel da sua aprendizagem feminina nuns judas mal acabados de sabbado d'alleluia, que se entendia preparar para a arte difficilima de ser mulher essas a quem se não ensinava o encanto mais abordavel de serem meninas, e a quem, um bello dia, porque lhe arranjavam noivo, ou porque as pernas ou o busto mostravam curvas demasiado provocantes, se ordenava, de um momento para o outro, que se espartilhassem até fazer sangue, com as cinturas de vêspera da moda, que summissem o rabicho, e que tapassem as canellas com uma saia comprida.

Vieram outros tempos, e as modas foram pouco a pouco modificando-se para as garotas. Presentemente, com os seus vestidos gaiatos, os seus adornos curiosos, os seus ademanes senhoris, ellas passaram a ser promessas alvoroçantes de mulher, sementes floridas de amor. Vae-se, ao que parece, comprehendendo que, sendo, se não a vida, a belleza feminina, tão breve, não ha annos a perder, para, quasi desde o berço, incutir na alma e no corpo das que nascem os arduos ardis da feminilidade.

Fazer de um rapaz um homem, foi sempre a preocupação de paes e mães. Porque não será tambem seu desideratum constante tornar cada rapariga numa mulher, antes de cuidarem em a converter numa esposa?

No casamento não ha só a cosinha e a dispensa. Ha a alcova, ha a sala, ha o theatro e a rua, e ha esse espelho

exigente dos olhos do marido, que, se pode apreciar a boa dona de casa, não pode gostar senão do pouco ou do muito de mulher que nella houver. Todas as mulheres — com excepção das feministas, que são simias de saias — pertencem, não ha duvida, ao sexo feminino, mas nem todas, poucas até, sabem ser mulheres. Porque ha mulheres e *mulher* — um adjectivo sem plural — como ha flores e ha a rosa.



D'antes, segundo a ingenua superstição para uso dos petizes perguntadores, as creanças, que vinham ao mundo, chegavam de França, numa canastrinha mysteriosa. Creio que estas creanças d'agora, continuando a vir do mesmo Paris, devem cá chegar, muito á larga, dentro de uma caixa de chapeo — caixas de pneumaticos, como lhes chama um meu amigo, a quem, ás duas por tres, a caranguejola de Cupido faz partidas na estrada declivosa de Cythera.

Vindas em sonhos de França, filhas das paginas da *Femina*, irmãs da *Francisca* de Prévost, primas em segundo grau das *Claudinas* de Willy e Colette, estas precoces elegantesinhas têm na litteratura franceza um typo e um modelo antigos: *Cherubim*, o pagem amoroso, em quem Beaumarchais tão enternecidamente encarnou esses primeiros sussultos do amor masculino, feitos de uma delicadissima tonalidade, que appetee ainda na primeira amante, na iniciadora, mãos de mãe, gestos mais de carinho que de afago, um maternal perdão, que são sempre as mulheres já de certa idade — crepusculos feminis — a conceder ás auroras da masculina, carnal, curiosidade.

Como *Cherubim*, estas encantadoras pagensinhas da moda actual, têm no fundo d'alma *um desejo inquieto e vago*, o que, se o namorado da Condessa de Almaviva fosse mais conhe-

cido cá, justificaria que eu, dando-lhes a designação geral de que estão carecendo, as chrismasse em *cherubinas*.

Engeitando porém mais essa palavra estranha, e procurando uma de casa, logo um qualificativo muito caseiro e acarinante, semelhante áquelle, se depara: benjaminim.

Ponhamo-lô no feminino, e a estas graciosissimas, mimadas senhorinhas da moda, tê-las-hemos agrupado sob uma denominação que em tudo lhes vae.

Que vivam, portanto, e cresçam, e floresçam as benjaminas!

O leitor anda certamente cheio de vê-las, por ahi, por alli, em toda a parte, á tarde ou á noite, porque, segundo creio, as benjaminas, não se levantam cedo.

Aposto que nunca se deteve a analysar, a gozar, a sua graça alvorecente, travessa, enleante. Pois repare, homem, que vale muito a pena!

Antigamente as donzellas, quando sabiam, armavam á porta de casa num ar basilical de procissão, emperuando-se numa attitude de ridicula sobranceira, franzindo o sobrolho severamente, para conter em respeito os atrevidos, e, com as mããs ou os papás atraz, ia este cortejo avançando lentamente pelas ruas, parecendo ellas e os paes caminharem em passo de sequito, murmurando de si para si: Vão aqui raparigas solteiras! E era como se marchassem ás varas de um pallio, ao lado do santissimo, levando o viatico, muito ancha, solemnissimamente.

Se as não olhavam, sentiam-se ellas despeitadas, se as fitassem, melindravam-se, atravessando — era sabido — para o outro passeio, quando numa parte da rua ou do largo havia mais concorrência.

As d'agora perderam, felicissimamente, todos esses modos forçados de empertigamento. Que as olhem ou deixem de olhar, tanto se lhes dá. Vão ellas olhando, franca e estouvadamente, quem muito bem lhes parece, esgueirando-se miudas por entre a multidão, como enguias difíceis de agarrar.

Outrora, também, cada menina tinha a sua maneira e o seu figurino. Quando Fulana apparecia na esquina do Largo

das Duas Igrejas, todo o Chiado dizia: Ahi vem Fulana de tal — e ella passava, inconfundivel, emproada, magestosa.

As fulanitas modernas não se preoccupam nada com isso. Vestem-se todas de egual, parecem-se todas de tal maneira umas com as outras, que eu creio que, num dia de reboliço, as familias se veriam gregas para reconhecerem as suas benjamins, entre o magote das que se tresmalhassem.

E é este um dos seus aspectos mais interessantes e sympathicos: não nos obrigam a pensar nesta ou naquella, ou a aguardar aquell'outra, porque a primeira que passa é tal qual a ultima que se avista.

Vestem-se todas como senhoras, como miniaturas das mães ou das irmãs casadas. Algumas chegam ao nefando abuso de, á força de collocarem em cima de si tudo o que encontram no materno toucador — os ganchos, os postiços, o pó d'arroz — pôrem tambem carmim na face e negro nas palpebras, o que as equipara a violetas cahidas num tinteiro.

D'antes, a redução da mulher era a boneca — as bonecas que ellas toucavam, vestiam e alindavam, o melhor que sabiam. Agora são ellas proprias — mulhersinhas temporãs — bonequitas em pessoa, frageis, vivas, chilreantes.



E' dever porem reconhecer que, — com os seus cingidos vestidos de velludo preto, as suas franjinhas na testa, as suas meias de teia de aranha, as suas gorras de pelle, os seus suetes flexiveis, ou as suas mós emplumadas de chuveiros brancos, como jorros de espuma, os seus sapatos acothurnados de duas cores, as suas polainas brancas de zuavo, ao hombro as bolsas enormes, onde, mal orthographada, se perde a carta minuscula do pequeno amor, com os regalos immensos, que parecem reservatorios de toda a caricia que as mãos distil-

lam, com os seus *jabots* perfilados, como cunhas de renda entaladas entre os seios abotoantes, com as nuças a descoberto, o sorriso a bailar-lhes na bocca, e os vinte annos a luzirem-lhes de longe — as benjaminas são, deliciosa, assignavel, esperançosamente, a mais linda, prospera, e alegradora primavera da cidade.



A Mascara, benjaminasinhas, vos envia muito saudar.



XXX — Carta a alguém que se quer divorciar.

TAMBEM tu, meu caro, me vens com a pergunta inevitavel: se eu approvo o divorcio? Approvo, sim senhor. Approvo-o em theoria e na pratica, como these e como realidade, no geral e no particular: o divorcio por faltas graves, por mutuo consenso, por males irremediaveis, por sevicias, etc., etc. Approvo portanto, como vês, o divorcio, applaudo-o mesmo, em todas as suas formas.

O matrimonio é um jardim gradeado — quando não é, sem trocadilho, um manicomio bem murado. O divorcio, como um serralheiro, vem abrir portões — portões de ferro, não esqueças! — nessa jaula ou nesse jardim. Tantas as causas de divorcio admittidas por, lei quantas essas portas — e a lei desconjugal portugueza foi tão longe, que ameaça tornar o casamento — esse parque de aclimatação — num passeio publico, com aberturas em cada embocadura de rua.

Simplesmente, como quem está bem num jardim se vae deixando lá estar, por mais commodas sahidas que se lhe offereçam, quem se encontrar a gosto no lar que criou ha-de nelle permanecer, por mais facil que se lhe torne o ir-se embora.



Ahi tens. Approvo o divorcio, por certos casos que conheço e outros que imagino, approvo-o calorosamente, como approvo a existencia dos barcos salva-vidas, para as occasiões de perigo e de naufragio. Se tu, porem, para um pequeno passeio em

mar relativamente calmo ou para um vulgar banho salgado, fizeres sahir do seu barracão o barco salvador, julgo-me no direito de te ridicularisar ou de te censurar.

Ora em Portugal está-se presentemente recorrendo ao salvavidas do divorcio pelo mais futil pretexto, por dá cá aquella palha, o que é de estranhar num paiz, onde tão pouco se utilisavam anteriormente as boias legaes do desquite.

Reconheço que estou exaurindo os varios recursos das catastrophes maritimas, mas, que queres, o Hymineu lembra-me ás vezes um pego em que muito poucos sabem nadar.

A lei consente no acto, mas não manda divorciar ninguem. No emtanto, dado o abuso que d'ella se está fazendo, receio que em breve o divorcio passe a ser tão obrigatorio como o registo civil, o que vae certamente causar serios embarços aos solteiros como eu.

Sim, porque, das duas, uma: ou a sociedade portugueza, cuja percentagem de divorcios se apresenta elevadissima, está fazendo ao seu passado de ha uns vinte annos para cá, sob o ponto de vista conjugal, a mais radical e saneadora limpeza — uma barrela colossal — e se assim é, só temos que atar as mãos na cabeça, ante a serie infinita de misérias, vexames e torpezas Moraes, que a apparente seriedade escondia, ou, então, muita gente de um dia para o outro perdeu a cabeça com o decreto famoso do Provisorio, pois não se torna crível que maridos de ha dez, de ha quinze, de ha vinte, de ha mais annos, desatassem subitamente a serem, em seu perfeito juizo uns libertinos ou uns carrascos, nem que as esposas com o mesmo tempo de bons serviços só agora se lembrassem de se portar mal.

Sei que o maior numero dos divorcios instaurados até aqui representa uma liquidação de velhas contas, até a legalisação de muita irregularidade, mas não resta duvida que, ao lado d'esses, se abriram, e estão abrindo muitas contas novas e desfazendo varias uniões promettedoras.

Parece-me que o divorcio se vae tornando uma moda, como as saias travadinhas ou os sapatos á fadista, e escuso de te ennumerar os perigos d'esse perigoso rumo, que pode vir a

converter a sociedade alfacinha numa contradança com mudança amiudada de pares, ou num baralho de cartas, que leve a família á gloria.

Ao divorcio por capricho, por elegancia ou por *snobismo*, nunca ninguem o defenderá, porque nesse campo, imitando o proverbio do cesteiro que faz um cesto, pode dizer-se que quem se divorcia uma vez se divorciará segunda e terceira, ponto é tomar o gosto a enviivar sem ordem do outro mundo.

E nota que te está fallando um dos mais sinceros defensores da generosa medida.



E' isso, pouco mais ou menos o que eu penso, relativamente á tua pergunta: se approvo o divorcio? Está approvado. Quanto á tua consulta, teria muito que dizer-te.

A incompatibilidade, que com ar tão victorioso repisas, constitue — ainda que me chames paradoxal — uma das grandes bases de casamento, que foi e será sempre uma retorta, onde se procura combinar o melhor possivel dois acidos inimigos. O matrimonio é essencialmente alchymia; um laboratorio medieval, em que da areia se pretende extrahir oiro — o oiro que os petizes amostram ás vezes nos cabellos.

Conheço um preto, retinto e obesso, casado com uma branca, aloirada e diaphana. Creio que não haverá nada de mais incompativel. Pois dão-se como Deus com os anjos. Elle é o sertão, um sertão de chapeo de côco e collarinho engommado, mas tudo quanto ha de mais sertão. Ella, em contraste, é tudo o que possas sonhar de mais bosque do norte: melancholica, espiritual, suave. Delira um pela cachaça, a outra só bebe leite. São compativeis? Não o são á primeira vista, mas na sua casa reina a paz mais tranquilla. Porquê? Porque se des-

incompatibilisaram. Porque o acido loiro se combinou com o acido negro. Como? De varios modos.

Elle ensinou-lhe o seu exquisito dialecto africano; ensinou-lhe ella a fallar o seu inglez. E são felizes, inteiramente felizes.

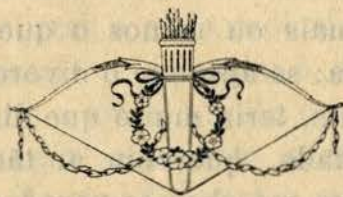
Crê que a melhor formula para se conseguir alguma felicidade no casamento — summidouro de illusões — é ainda essa: a dos conjuges aprenderem mutuamente um do outro os seus dois diversos idiomas.

Porque a verdade é esta: nós, os homens e as mulheres, ainda que nascidos em dois andares do mesmo predio, ou em casas pegadas, nunca somos da mesma terra.

A questão toda é que ellas nos ponham ao corrente da sua lingua e que nós as iniciemos na nossa aravia.

Acredita, se tu ensinares a tua mulher o teu dialecto, e ella estiver pelos altos de te industriar no seu inglez, não tornarás a perder o teu tempo com velleidades de divorcio.

Faz a experiencia e verás.



De resto, és tu o primeiro a declarar que não podes duvidar da fidelidade da tua companheira. Conquistaste essa difficilissima certeza; que devia bastar para te considerares o mais venturoso dos mortaes, e queres divorciar-te!

Divorciar-te para quê? Tu, homem morigerado, previdente, menogamo, que já no berço devias pensar no matrimonio! Para viveres sósinho? Não o conseguirias. A poucos dias de te veres descasado, arranjarias namorada; alguns mezes depois, estarias noivo; no fim do anno de experimenta, casar-te-hias inevitavelmente, tão certo como dois e dois serem quatro.

Concordarás que, só pelo duvidoso prazer de uma nova lua de mel, não vale a pena o trabalho de te descasares hoje para te recasares amanhã, com a aggravante de teres e saberes a primeira mulher viva.

Has de muita vez ter apreciado na vida social a ternura religiosa com que certos viuvos que casam segunda vez se referem á sua primeira esposa, á sua defuncta; o que geralmente não acontece aos viuvos que não contraem novas nupcias.

Conheci entreosprimeiros um, que, depois do segundo nó, se arruinava em corôas para o jazigo da sua primeira mulher, onde se encontrava mais a gosto do que em sua casa com a segunda. Era o caso do rifão: *atrás de mim virá...*

Pois creio que no divorcio hão de acontecer scenas parecidas. A nova mulher, a substituta, será sempre prejudicada pela lembrança da primeira. Não se chegará talvez a collocar, á porta das divorciadas que se remaridem, uns ganchos apropriados, onde os primeiros esposos vão pendurar corôas de perpetua saudade e eterna gratidão, mas é muito possivel que ellas passem a receber, a miúdo, anonymos ramos de flores comprometedoras, que os novos maridos julgarão vindos de algum novo pretendente, e serão apenas, sagradas como as dos cemiterios, o preito mais respeitoso de um antecessor inconsolavel.

E' que, afinal, num povo sentimental, fatalista, amoroso, como este, só a morte — e nem essa, ás vezes — consegue expulsar dos corações um primeiro amor.

E porque o divorcio, assim considerado, representa afinal uma victoria da vida sobre a morte, eu o approvo mais uma vez.

Approvo-o para todos, menos para ti, que és indivorciavel, pois nunca conseguirias afazer-te á contingencia de ver tua mulher pelo braço de outro homem.

Não o negues. Tu és d'aquelles para quem o divorcio só se tornaria agradavel, se podessem guardar as mulheres de que se divorciassem num castello ou num armario.

Sim, porque tu, como a maioria dos portuguezes, tendo pouco de D. João, tens muito de Barba Azul.

XXXI — Elle ahí está! *Revista em 2 actos e 8 quadros de Gil Mello e Camara Manuel, musica de Fortée Rebello.* (Theatro da Rua dos Condes 12 de Março).

ALGUEM que não saiba em que passar o tempo sem sacrificio do proximo, aconselhar me apraz um trabalho curioso, demorado, e mais divertido que muitas d'ellas: o de elaborar um catalogo completo das revistas representadas em Lisboa nos ultimos dez annos.

Ver-se-hia por elle tocar meia revista, pelo menos, a cada habitante da capital, pelo que me parece da maxima conveniencia estatistica incluir nos futuros boletins do censo da população as seguintes perguntas: *Tem escripto, está escrevendo, ou pensa em escrever, revistas para o theatro? Quantas? Quaes os seus titulos?*



Não sei se os srs. Gil Mello e Camara Manuel já teriam machinado alguma. Esta, que forneceram agora ao modesto theatrinho da Rua dos Condes, intitula-se *Elle ahí está!* — vae-se a ver não está ninguém — tem 2 actos, pouco espirito, oito quadros: *Na ilha de Cosmopolia*, onde se abusa do macaco, *Notas de banco e notas a lapis*, *Lettras e bonecos*, *Imprensa humoristica*, *Murmurio das folhas*, que só tem de poetico o titulo, *Meninas* . . . *ao ponto*, ponto, que não é bem de rebuçado, *A pingar e a suar*, e *Alem-Mar*, numerosas obscenidades, musica ligeira de Fortée Rebello, palavrões com todas as letras, scenario novo, numeros massudos, desempenho soffrivel, graça suja, a implacavel cega-rega, e por estrellinhas Cordalia Reis e Zulmira Miranda.



*** A MASCARA publicar-se-ha todos os sabbados, desde 15 d'outubro a 15 de julho, em folhetos de 16 a 32 paginas. ****

PREÇOS

AVULSO:

Portugal..... 50 réis
Brazil..... 250 réis (moeda fraca)

ASSIGNATURA (pagamento adeantado):

Cada serie de 10 numeros

Portugal..... 550 réis
Brazil..... 2\$500 réis (moeda fraca)

✻ Toda a correspondência relativa á administração deve ser dirigida á LIVRARIA FERIN, EDITORA. BAPTISTA, TORRES & Ct.^a, 70, RUA NOVA DO ALMADA, 74.

✻ A que diga respeito ao auctor para a AVENIDA DA LIBERDADE, 173, 4.^o, Esq.^o ****

✻ Agentes d'A MASCARA:

✻ COIMBRA — LIVRARIA ACADEMICA de João de Moura Marques — 171, Rua Ferreira Borges, 173. ****